



Porto Alegre, RS, 1898-
Rio de Janeiro, RJ, 1990

Egresso da Escola Militar, participa do movimento tenentista. Subleva o Batalhão de Santo Ângelo (RS) em 1924. Adota a guerra de movimento e, unindo-se aos rebeldes paulistas, dá início à longa marcha da Coluna Miguel Costa-Prestes. Em 1926, exila-se na Bolívia, onde se aproxima do marxismo. Toma parte das conspirações para a derrubada de Washington Luís mas, em 1930, recusa o comando militar da revolução, afastando-se dos tenentes. Viaja para a URSS em 1931, de onde retornaria quatro anos depois para liderar a revolta comunista de 1935. Preso em março do ano seguinte, passa nove anos na cadeia. Com a redemocratização de 1945, é eleito senador na bancada do PCB. Cassados os mandatos comunistas em 1947, volta à clandestinidade por cerca de dez anos. Com o golpe de 1964, tem seus direitos políticos cassados novamente e vai para o exílio. Anistiado em 1979, volta ao país.

Luís Carlos Prestes: esperança e revolução*

A VIDA DE LUÍS CARLOS PRESTES atravessa a história do Brasil e marca, dramaticamente, os limites da atividade libertadora, nacionalista e revolucionária. Tornou-se herói antes de afirmar-se como símbolo das possibilidades revolucionárias frustradas e foi a sua lenda que levou os comunistas até ele: um partido "fraco" buscava fora de seus quadros uma *bandeira forte* e o que parecia ser o caminho mais rápido para a conquista do poder.

Inicia-se, assim, uma carreira política ímpar. Luís Carlos Prestes não foi do comunismo à revolução. Saltou da revolução ao comunismo. O que quer dizer que o seu ardor revolucionário inquebrantável possuía raízes no solo histórico

* Escrito em 1987 para uma publicação sindical. Inédito.

do nosso país e da América Latina. Ele nasce e se alimenta da recusa firme e decidida de uma ordem de privilégios, de iniquidades e de formas extremas de exploração e opressão, que são repelidas com intransigência. Foi isso que o separou dos companheiros da famosa marcha e que não permitiu aos poderosos, Getúlio Vargas entre eles, atrair para a órbita da ordem aquele militar rebelde atípico. À sedução do poder ele preferiu a luta tenaz e incerta pela criação de uma nova sociedade. É preciso que se reflita sobre isso, hoje e agora, aos 89 anos desse herói que caminhou da reforma para a revolução e fez desta a razão de ser de sua vida. É o caminho de todos os grandes revolucionários da América Latina. *A recusa da sociedade existente, da ordem de iniquidades e do mandão como lobo de outros seres humanos.* A via negativa, que aparece mesmo em Sierra Maestra: o Exército Rebelde não possui uma concepção sobre a construção de uma nova Cuba, mas aprendera e sabia muito bem *o que devia rejeitar*, para converter a revolução social em realidade. Do México ao Brasil, de uma ponta a outra, o revolucionário não era o produto acabado da luta de classes, da educação política através de um partido revolucionário orgânico, a encarnação de uma vontade proletária coletiva de auto-emancipação e de autoliberação. Era o rebelde que rompia com sua classe e com seus

papéis sociais ou que levava o protesto popular à esfera do político e, por vezes, da luta armada.

A peculiaridade de Luís Carlos Prestes tem a ver com as condições econômicas e históricas do Brasil. Um partido comunista com intelectuais de várias origens, inclusive anarquista, com ramificações na frustração de setores decadentes das famílias tradicionais, que remavam contra a corrente para manter-se pelo menos em uma situação de classe média "pobre", e com uma base proletária e semiproletária difusa, que ia de pequenos comerciantes a artesãos independentes e a operários organizados em sindicatos profissionais, buscava uma chama exterior que despertasse o povo para a insurreição e a conquista do poder. Na verdade, os poderosos eram identificados como os "exploradores da nação", excluídos do *nosso grupo* (em termos da ótica libertária), e a própria revolução era percebida como uma sorte de irredentismo, que teria de passar como um elemento arrasador sobre a oligarquia, eliminando todos os vestígios que a confundiam com o velho regime colonial. Em suma, o *antigo regime* não desaparecera com a dominação portuguesa. Crescera e fortalecera-se a ponto de ser o amálgama do latifúndio com o imperialismo e de impedir o florescimento da democracia, da unidade nacional e das liberdades políticas inerentes ao Estado burguês. Este corporificava uma bastilha, cuja extinção demarcaria o início de uma nova era.

Por aí Luís Carlos Prestes chegou aos clássicos do marxismo e iniciou uma aprendizagem política formal, que deslocou o foco teórico e prático de sua posição de revolucionário. A sua devoção entranhada à revolução ganha outro sentido e uma base social congruente. Pela primeira vez em nossa história surge alguém que iria descolar a revolução das transformações de superfície e descobrir nos proletários a classe revolucionária, que mais cedo ou mais tarde daria cabo não só da oligarquia e do antigo regime, mas da confusão

semântica que confinava a revolução ao mundo do poder. A revolução era posta em seus próprios pés. Astrogildo Pereira lograra uma vitória que ele mesmo não seria capaz de medir e que iria exigir meio século de oscilações históricas dramáticas para se esclarecer.

Muitos farão uma pergunta ingênua. Luís Carlos Prestes não é, antes, o símbolo da derrota da revolução proletária? O Partido Comunista em crise não indica, objetivamente, que só existiam miragens no ânimo dos defensores da luta de classes e da passagem ao socialismo em um país tão submetido ao imperialismo e governado com rédeas curtas por uma burguesia despótica? A questão não é tão simples. Um revolucionário que se vê batido no meio de tantas lutas não significa a derrota de sua causa. A sua tenacidade explicita algo mais complexo. Ela patenteia que a revolução não só possui continuidade; que ela também se aprofunda. Afastado do seu partido, ele amadurece a sua consciência de revolucionário e o seu conhecimento teórico do marxismo, divorciando-se da crise do partido e apontando saltos que ainda não foram tentados. Além disso, o "sentimento revolucionário da massa", a capacidade de luta política dos proletários surge, nesse ínterim, como um fator objetivo da história. E essa alteração recente coloca outros desafios, estes sim ultrapassando a figura lendária do velho revolucionário como pessoa e como agente histórico.

Esses são os parâmetros que se põem aos observadores que vêem criticamente. Luís Carlos Prestes configura, para esses proletários de origem social contemporânea e com frequência muito jovens, a polaridade da esperança. Ele não é mais "o Cavaleiro da Esperança". Esta imagem era parte de uma mitologia, que foi construída sobre equívocos, por um partido que ainda não era proletariamente revolucionário e socialista. A esperança que se equaciona é a esperança coletiva de uma classe social que compõe a imensa maioria e não tolera mais os de cima e está a um passo de lançar-se

à desobediência sistemática. Ele também não é mais o revolucionário que elegeu uma classe social à qual serviria, pondo-se à sua frente. A revolução proletária converteu-se em uma polaridade histórica central. Portanto, ele não é o "chefe" ou o "líder". Testemunha uma situação e, ao mesmo tempo, simboliza a sua vitalidade. A junção entre esperança e revolução se faz em sua pessoa e através de sua pessoa como um dado do movimento histórico das classes trabalhadoras. Por isso, ele surge como um termo de referência e um elo de atração magnética. Aquele que não vergou repete a história dos proletários e antecipa o seu desfecho! ♦